

Três possíveis romances furtadianos

Denis Rizzo Morais¹

Resumo

Neste artigo, buscamos analisar três planejamentos de romances do intelectual Celso Furtado, dentro da obra *Diários Intermitentes* (2019). Procuramos examinar as personagens e enredos, nesses planos, desde o ponto de vista da teoria do romance e das ideias sociais trazidas por Furtado. Como referencial teórico, utilizamos as ideias sobre o romance de Lukács (2009), Benjamin (1994), Adorno (1980) e Candido (1970). Com relação às questões sociais, valemo-nos dos conceitos de Weber (1944), Mannheim (1954) e Veblen (1899/1922). Desse diálogo, aventamos a possibilidade de um romance furtadiano, no qual as personagens se identificam com tipos ideais weberianos perpassados por enredos sociais baseados nas ideias de Mannheim e Veblen e com estéticas miméticas de Cervantes e Balzac.

Palavras-chave: Celso Furtado. Romance. Mannheim. Weber. Tipos Sociais

Abstract

In this article, we seek to analyze three plans of novels by the scholar Celso Furtado, within the work *Diários Intermitentes* (2019). We tried to examine the characters and plots, in these plans, from the point of view of the theory of the novel and the social ideas brought by Furtado. As a theoretical framework, we used the ideas about the novel by Lukács (2009), Benjamin (1994), Adorno (1980) and Candido (1970). With regard to social issues, we used the concepts of Weber (1944), Mannheim (1954) and Veblen (1899/1922). From this dialogue, we suggest the possibility of a furtadian novel, in which the characters identify themselves with ideal Weberian types pervaded by social plots based on the ideas of Mannheim and Veblen and with mimetic aesthetics by Cervantes and Balzac.

Keywords: Celso Furtado. Novel. Mannheim. Weber. Social Types

Recebido: 25/05/2021

Aceito: 14/12/2021

¹ Mestre em História Econômica (USP); especialista em História das Religiões (Faculdade Única de Ipatinga); licenciado em História (Claretiano Centro Universitário) e bacharel em Letras - Espanhol (USP). Professor de história - funcionário público da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e Colégio Universitário USCS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8408-0965>.

Introdução

“Você apela demasiadamente para a imaginação em suas análises. Devia ter sido romancista e não economista” (FURTADO, 2014b, p. 71). Esse comentário, feito por Eugênio Gudín em tom de crítica a Celso Furtado (CF), desvela, possivelmente, um dos maiores elogios que já recebeu. A imaginação foi um dos elementos que fez com que Furtado se destacasse em relação a seus pares. Desde a elaboração de sua tese de doutorado na Sorbonne (1948), apoiou-se nos ombros de gigantes para desvendar os processos formativos do País. Relembrando o encontro com Gudín por volta dos anos 50, conta-nos:

Regressei a Santiago com abundante material sobre o Brasil. Fora tomado da obsessão de estudar a economia de nosso país, de deslindar as causas de seu singular atraso. Essas causas teriam de ser desentranhadas da história, das peculiaridades do processo formativo do país. Não adiantava comparar modelos abstratos nem vestir a realidade com as camisas pré-fabricadas dos “modos de produção”. Havia que abarcar a realidade complexa com a imaginação, e submetê-la em seguida a um tratamento analítico (FURTADO, 2014b, p. 70).

A obstinação de CF é exemplar. Desde sua infância, Furtado já programava, planejava sua própria trajetória para superar adversidades. Quando já muitos de seus colegas, irmãos e primos haviam aprendido a ler, CF apresentava algumas dificuldades. Põe-se, então, a dedicar-se arduamente a superar tais barreiras. Uma nova professora, mais paciente o auxiliou e ele entrou no mundo das letras para nunca mais sair (informação verbal).²

A ideia da criação literária embalava o jovem Furtado desde a Paraíba. Aos 23 anos, em 1944, disse: “(...) eu reajo em face de muita coisa na vida antes como romancista (pois eu me considero para mim mesmo, como tal) que como homem”; “(...) é notável como eu passei a descobrir valores antes desconhecidos nas nas coisas, nas situações, nos estados de espírito. É esta, parece-me, a porta de entrada para a universalidade no comunicar-se com todo mundo” (FURTADO, 2019, p.66-68). Aos 50, em um janeiro em Paris, conjectura com seu eu menos maduro: era uma forma de “compreender o mundo, de encontrar-lhe um sentido, de comunicação com os homens”. Era a realização de um diálogo que sem a escrita talvez lhe fosse impossível com tenra idade, mas traz certa tristeza ao constatar que naquela altura da vida ainda não tinha podido se dedicar à literatura (FURTADO, 2019, p. 232-233).

² Palestra realizada por Rosa Freire d’Aguiar durante o curso *Celso Furtado Intérprete do Brasil: Trajetória, Método e Obra (IEB - USP)*, em setembro de 2020.

Houve, pelo menos, três tentativas de Furtado concretizar suas intenções de romancista: elas foram feitas quando tinha 23, 35 e 55 anos respectivamente.³ Nunca terminados, esses romances talvez não poderiam ter se realizado completamente como nos revela o próprio Furtado, pois, como dizia, ao cogitar a estrutura do seu primeiro possível romance, os “ (...) problemas técnicos que no momento me preocupam levam-me a acreditar ser impossível a realização da obra como a desejo. Acredito, porém, que não perderei meu tempo, mesmo que venha a abandonar o fruto do trabalho” (FURTADO, 2019, p. 66). Realmente, seu tempo não foi perdido.

Os três planejamentos acima aludidos trazem em si uma incompletude patente de romance; nunca se completaram, nem foram publicados em outras obras. Pensamos, no entanto, que trazem elementos do gênero mesmo com planos inacabados e encontram-se na possibilidade de chamá-los de romances furtadianos.

Método

O título deste artigo requer pelo menos duas definições: primeiramente, precisamos dizer o que pensamos por romance e para tal recorreremos às ideias de György Lukács (1895-1971), Mikhail Bakhtin (1895-1975), Walter Benjamin (1892-1940), Theodor Adorno (1903-1969) e Antonio Candido (1918-2017). Posteriormente, devemos aclarar o que é, no nosso entendimento, um *romance furtadiano*. A primeira será mais curta e direta; a segunda, um tanto mais oblíqua e precisaremos percorrer os 3 possíveis romances em *Diários Intermitentes*.

Buscaremos mostrar que numa primeira tentativa de romance, em 1944, as personagens, pensadas como símbolos, ganharam em 1946 o reforço conceitual dos *tipos ideais weberianos*. De 1944 a 1964, seus “lugares” de atuação e pensamento ensejaram um ator político criativo que conciliava uma latência cultural e um afloramento do viés econômico em harmonia. Algumas ideias de *Economia Brasileira*⁴ (1954) dialogam com sua tese doutoral. A experiência colhida das ideias teóricas de planificação social de Karl Mannheim, de consumo conspícuo de Thorstein Veblen, além dos conceitos sobre meios e fins de Max Weber proporcionaram, pelo menos em parte, o recorte verossímil de personagens aderentes à sua época.

³ FURTADO, 2019, p.64-8 (1944); p. 128-36 (1955); p. 244-7 (1975).

⁴ Principalmente capítulos 31 (socialização das perdas/ dos prejuízos) a 35.

A definição se completa no planejamento do 3º romance nos *Diários Intermitentes*, pensado em meados da década de 1970. Suas reconsiderações desapaixonadas no *Mito do Desenvolvimento Econômico* de outubro de 1974 serão remodeladas em termos de Marx, Balzac e Cervantes, no ano seguinte.

Uma possibilidade de definição de romance

Quando aprendemos sobre alguns aspectos do romance na escola secundária, na maioria das vezes, apela-se para a diferença entre as funções poéticas da literatura e as referências dos textos informativos; no entanto, o texto real pode caminhar entre planícies várias sem necessariamente ter que se curvar a uma função impositiva.

O romance, ademais, tem uma extensão que convida ou até conclama a reunião de diversas funções em si mesmo. Nesse sentido, talvez seja o mais democrático gênero literário. Se pensarmos no prototípico romance moderno, *Dom Quixote* (1605), poderemos maravilhar-nos com a quantidade de gêneros que abriga. Como nos conta a professora Maria Augusta Vieira da Costa: “ (...) Cervantes encerra essa antiga forma de narrativa, parodiando os cavaleiros jovens, valentes e destemidos. O autor cria um personagem velho e louco, que, por mais encantador que seja, não consegue vencer uma batalha. Ele ridiculariza o gênero e apresenta um novo, muito mais interessante”.⁵

Um pouco mais de um século mais tarde, Daniel Defoe estabeleceu outro marco do romance moderno ao publicar *Robinson Crusóe* (1716). Para Augusto⁶ o “livro de Defoe marcou um ponto de inflexão na história do romance como forma artística da burguesia. Robinson Crusóe tem todas as características do que Lukács (2009), seguindo Hegel, denominou de ‘a epopeia burguesa’”. Lukács nos conta que o romance “é o gênero mais típico da sociedade burguesa (...)”, no entanto:

(...) é no romance que todas as contradições específicas desta sociedade são figuradas do modo mais típico e adequado (...) A lei universal da desigualdade do desenvolvimento espiritual em relação ao progresso material, estabelecida por Marx, manifesta-se de modo claro também no destino da teoria do romance. Com base em nossa definição geral do romance, seria possível supor que a teoria desta nova e específica forma literária foi elaborada de modo completo na estética burguesa. Mas não foi isso que aconteceu: os primeiros teóricos burgueses ocuparam-se quase

⁵ Citado em BENCINI, R. *Dom Quixote: a aventura de ler um romance*. *Nova Escola*. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2578/dom-quixote-a-aventura-de-ler-um-romance>>. Acesso em 18 mai. 2021.

⁶ LUKÁCS, 2009, p. 193 citado em AUGUSTO, 2016, p.303.

exclusivamente dos gêneros literários cujos princípios estéticos podiam ser recolhidos da antiga literatura, como o drama, a epopeia, a sátira etc. O romance se desenvolve de modo quase inteiramente independente da teoria geral da literatura, que não o toma em consideração e não influi sobre ele (...) (LUKÁCS, 2009, p. 193).

O romance, dessa forma, a diegese (o mundo ficcional, a realidade da narrativa), em sua fluidez prosaica, apresenta-se

(...) o mais possível livre das injunções miméticas de gênero, permitindo que se ensaiem, como no discurso em geral, modos variados de lidar com as diferentes situações, que, sendo variadas no tempo e no espaço, exigem sempre novas estratégias tanto discursivas, quanto narrativas (BRANDÃO, 2013, p. 97).

O autor, no entanto faz a ressalva de que não se trata que o gênero romance seja tão aberto que possa se igualar a um informe,

(...) mas, pelo contrário, que é por permitir que a situação prevaleça sobre a intenção que ele adquire sua forma, a mais “estilizada” de todas as formas literárias, pois pretende representar o que seria uma diegese sem mimese. Cumpre acrescentar que cada escolha em situação, na esteira do entendimento de Sartre, aplicada no nosso interesse a cada estilização da forma do romance, implica todo o conjunto, o que tem duas consequências: a primeira, que as ordenações retrospectivas sejam não só possíveis, como legítimas; a segunda, que, na sua variedade, o romance seja sempre pós – nas palavras de Kristeva, pós-épico; nas de Bakhtin, pós-clássico; eu próprio o adjectivei, no caso grego, de pós-antigo; o Quixote bem podendo merecer a classificação de pós cavalaria (...) (BRANDÃO, 2013, p. 97)

A questão do informe foi tratada por Walter Benjamin e Theodor Adorno. Fernandes (2001, p. 173) reúne essas ideias. A autora retoma a ideia de Benjamin, que assevera que apenas a pura informação é destrutiva à narrativa e ao romance “devido a seu caráter imediato”. Benjamin nos conta que

Metade da arte narrativa está em evitar explicações, o extraordinário e o miraculoso são narrados com exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1994, p. 203 citado em FERNANDES, 2001, p. 173).

Dessa forma, a “ (...) informação é um dos elementos que força a transformação do romance, pois impõe limites à criação artística”, a fim de superá-los “o romance precisou

concentrar-se naquilo que o relato não dá conta” (ADORNO, 1980, citado em FERNANDES, 2001, p.173.).

Antonio Candido (1970, p. 51) nos diz que da leitura de um romance, frequentemente, temos “uma impressão praticamente indissolúvel” entre uma “série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos”. Temos assim, os elementos estruturais de um romance: enredo, personagem e ideias. Enredo e personagem representam a matéria novelística; as ideias, o seu significado. É a personagem que dá vida ao romance: “a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”. É da aceitação dessa verdade vivenciada pela personagem que advém o senso de verossimilhança, característica literária desde Aristóteles.

A seguir, passaremos a analisar as personagens e ideias nos primeiros possíveis romances de CF (presentes nos *Diários Intermitentes*). Acreditamos que através da articulação dessas personagens com o enredo e as ideias sociais apresentadas, podemos retirar algumas pistas sobre o que, futuramente, denominaremos de romance furtadiano, quando juntaremos as outras acepções relativas ao romance apresentadas acima.

Os três possíveis romances em *Diários Intermitentes*: personagens e ideias.

O primeiro possível romance foi pensado em maio de 1944. Personagens A, B e C vêm do interior para a Metrópole num processo de “*transumância*”. As “personagens (apenas tenderão) a se constituírem símbolos”. A representa “a tentação do homem de classe média”; B, “a experiência do sensualista” e C, que vai do individualismo ao pertencimento a um grupo social. A estrutura do texto ainda é bem simples; foca-se muito mais nas personagens. A maior preocupação é com a “capacidade de realização da obra. A realização é dependente de dois fatores principais: [01] o planejamento amadurecido do que vai ser feito (...) e [02] o grau de paixão que se consiga inocular em cada instante do tempo estético”. Há um temor da realização mal executada comprometer uma “bela ideia”. Dessa forma, razão e emoção mesclam-se para permitir amplitude e liberdade para se trabalhar: uma lida dividida em três partes: a primeira “será mais intelectual, consistirá na meditação e formulação do plano”; a segunda “será mais emocional, consistirá na criação da matéria-prima” e a terceira “compreenderá um trabalho de ajustamentos de partes e de lapidação geral, isto é, de todos os blocos nos seus detalhes” (FURTADO, 2019, p. 64-6).

A estrutura do segundo romance é pensada entre França e México entre novembro e dezembro de 1955 (começará a escrevê-lo em 1957, “quando estava só em Caracas”)

(FURTADO, 2019, p. 209). Esse romance é o que tem os planos mais bem desenvolvidos; deles frutificaram 50 páginas em 3 anos (a produção literária tem seu próprio tempo); no entanto, os imperativos sobre a “política do desenvolvimento” o desviaram da possibilidade, segundo ele mesmo, de explorar tudo de si por meio do romance. O romance seria dividido entre 3 e 5 partes, das quais apenas duas são rascunhadas: a primeira contém 10 cenas e narra a infância de duas personagens (A e B) que parecem conter a CF de formas diversas. Se A parece nos remeter à sua história “denotativa”, de uma família de classe média, B, por outro lado, nos leva a uma incursão em sua história “denotativa”. O filho da doméstica parece ser a lembrança que Furtado traz da infância: seja na descrição do menino “de cabeça ossuda” e “pescoço estranhamente fino”, seja na mãe de B como aproximação de “ (...) Francisca, a preta que ajudou a criar-me”.

Interessante notar que as personagens neste romance são muito mais complexas. Na planificação furtadiana, conciliam o enredo inicial às ideias mannheinianas, weberianas e veblenianas que veremos adiante. O adensamento da interação entre os elementos que Candido aludiu como essenciais ao romance pode ser atribuído tanto à maturação dessas ideias, decantadas por mais de 11 anos entre o primeiro e segundo esboço de romance, como também pelo contato que Furtado tomara com os *tipos ideais* de Weber ao ler *Economia e sociedade, em quatro volumes*, em 1946.⁷

O recurso metodológico encontrado no tipo ideal de Max Weber permite a explicação de ações sociais que ocorrem sob determinadas condições, desse modo, o método possibilita uma análise sociológica da realidade empírica, a partir de conceitos rigorosos. É importante ressaltar que o tipo ideal não submete a sociedade em tipificações que são previamente definidas e que sejam imutáveis, todavia, o recurso metodológico, permite produzir uma coerência ao ordenamento do real e a explicação causal dos fatos históricos (...) A construção de um tipo ideal contribui para precisar o conteúdo de diversos conceitos e é precedida justamente pelo recorte dos elementos conceituais de um fenômeno social, através do qual, as inter-relações são confrontadas com formas típicas dispostas pelo pesquisador (SCHÜTZ e SILVA JUNIOR, 2018, p.142-3).

Esse recurso metodológico utilizado por Weber possui distanciamentos e aproximações com o conceito de verossimilhança em literatura. Para Weber, “Cuanto con más precisión y univocidad se construyan estos tipos ideales y sean más extraños en este

⁷ “Em carta a amigos, CF escreve que leu nesse [1946] ano *O capital*, de Karl Marx, em edição completa de cinco volumes, e *Economia e sociedade*, de Max Weber, em quatro volumes, todos publicados pelo Fondo de Cultura Económica” (FURTADO, 2019, p. 69).

sentido, al mundo, su utilidad será también mayor tanto terminológica, clasificatoria, como heurísticamente” (WEBER, 1944, p. 17). A aproximação se apresenta no sentido de

Toda consideración histórica o sociológica tiene que tener en cuenta este hecho en sus análisis de la realidad. Pero esto no debe impedir que la sociología construya sus conceptos mediante una clasificación de los posibles "sentidos mentados" y como si la acción real transcurriera orientada conscientemente según sentido. Siempre tiene que tener en cuenta y esforzarse por precisar el modo y medida de la distancia existente frente a la realidad, cuando se trate del conocimiento de ésta en su concreción. Muchas veces se está metodológicamente ante la elección entre términos oscuros y términos claros, pero éstos irreales y "típico-ideales". En este caso deben preferirse científicamente los últimos (WEBER, 1944, p. 18).

É neste sentido que CF concatenará A e B às ideias sociais tornando-os mais complexos. O cenário do possível segundo romance é uma de suas Paraíbas da década de 1930, quando do assassinato de João Pessoa. Há na estrutura do romance ideias sobre a planificação social de Mannheim, na qual o “homem de massa” ganha relevo: a cena inicial do romance nos remeteria “ao assalto da massa popular à casa [da família de A para ser incendiada; rica e urbana cujo patriarca] ” (...) tinha marcadas simpatias pelo candidato federal à Presidência da República [Júlio Prestes].

Fugindo do incêndio, os dois se direcionam, a pé, para a pequena fazenda do pai de A. Durante quatro cenas estabelece-se o distanciamento entre B (filho da empregada) e A. No planejamento detalhado, Furtado nos mostra também que são mobilizados conceitos weberianos sobre racionalidade de fins e meios, que dialogam com as elaborações mannheimianas de substância e funcionalidade. As ideias deste romance parecem pairar sobre três pensadores: Karl Mannheim (planificação social), Max Weber (a burocracia) e Thorstein Veblen (consumo conspícuo).

Retomamos por um momento a personagem C do 1º romance: “a vida do retraído, do intelectual individualista, do homem nietzschiano” passará por uma “involução no conceito dos valores individualistas. Ele se libertará entregando-se a um grupo, através da criação cósmica de seus mitos” (FURTADO, 2019, p. 65). Podemos apenas aventar a possibilidade desse grupo ser o Estado. E por meio deste se aprofundaria no planejamento, uma planificação democrática. A importância de Mannheim para CF é fundadora:

Ele me iluminou, me tirou do tecnicismo. Pude perceber que há valores, que o planejamento não decorre apenas de uma boa estratégia. Há que estar iluminado por valores, para ser democrático. Mannheim me ensinou

a ver a sociedade como um sistema de valores, antes de tudo (BERRIEL, 2004, p. 33).

Este planejamento democrático de Mannheim influenciava CF em duas vertentes: 1) a “necessidade de formulação de planos de desenvolvimento que não estivessem voltados somente para os interesses de alguns grupos, mas sim para a sociedade como um todo” e 2) pensar o planejamento como ato transformador gradual da sociedade (REZENDE, 2004, p. 244).

Esta gradação, no entanto, varia nos autores, enquanto para Mannheim devido ao fascismo e o stalinismo, “ (...) propunha um movimento de modificação gradual que transformasse a própria personalidade dos indivíduos, tornando-os dotados de novos valores que não possibilitassem aos mesmos sucumbir às propagandas totalitárias”; Furtado, por sua vez, desloca o enfoque da “personalidade individual” para o âmbito do político, do econômico e do social, ou seja, aparentemente, com um propósito mais amplo (REZENDE, 2004, p. 244).

Em palestra ocorrida em junho de 1946, Furtado (2014a, p. 213-17) assevera que a planificação social é o caminho a ser trilhado no pós-guerra; a questão fundamental é saber que espécie de planificação será escolhida. A tese que debaterá tem como ponto de partida a seguinte questão: “é possível condicionar o comportamento do homem no campo político?” (FURTADO, 2014a, p. 214).

A resposta é sim. O homem a que Furtado se refere, no entanto, é o “homem de massa” e não o filósofo que consegue “libertar uma parte de seu pensamento dos modelos comuns”: “o homem do povo não pensa senão dentro das fórmulas sociais estabelecidas”. Na sociedade de massas, há uma grande interdependência entre seus membros, daí uma “incoercível tendência para a centralização”. Essa pode tanto propiciar uma sequência de golpes de Estado e uma “dominação minoritária” ou favorecer “uma cultura verdadeiramente democrática”.

Essas consequências são oriundas da forma como a planificação social busca “restaurar para o homem a posição que lhe cabe como centro de cultura” por “meio do controle dos elementos irracionais do pensamento coletivo”. Uma forma de solucionar essa questão é ofertar “uma regulamentação rígida da vida individual”. Há “fórmulas”, “modelos de comportamento” que devem ser seguidos. Nesse modelo pré-fabricado, a manipulação

das massas é facilitada por essas regras fáceis e prontas. Passa-se a manipular a sociedade pela criação de mitos.

O mito é um complexo irracional que por qualquer motivo faz despertar o inconsciente coletivo. Na manipulação dos mitos funda-se a técnica de condução das massas utilizadas pelas ditaduras planejadas modernas (FURTADO, 2014a, p. 216).

Se na forma anterior, havia uma superioridade da racionalidade instrumental sobre a substancial, esta ganha relevância “em outro processo de planificação social” que “visa a reconstrução do homem, mas não simplificando-o”. Busca-se, por um lado, proporcionar ao “indivíduo (...) assimilar os elementos irracionais do inconsciente coletivo” e, por outro, “organizar a massa para eliminar a possibilidade de psicoses coletivas”. Oferecendo ao homem a faculdade de salvar-se, por meio de um complexo processo racional de entendimento da realidade e de si, evita-se “o retrocesso social”.

Outro aspecto muito relevante oriundo de Mannheim é o do intelectual capaz de intervir na realidade social (BERRIEL, 2004, p. 33). Para que este intelectual atue no mundo social, no entanto, faz-se necessária uma autonomia.⁸ Isto fica patente no depoimento de Rosa Freire d’Aguiar ao responder um questionamento do professor Alexandre de Freitas Barbosa acerca do por que Furtado não ter se filiado a um partido antes de 1981, quando o fizera junto ao PMDB; Rosa comenta sobre um “flerte” do partido comunista com CF, mas que não frutificou devido à possibilidade de uma censura a suas ideias (informação verbal)⁹.

O conceito de intelectual interventor na sociedade, para Furtado, tem a ver com o conceito de *intelligentsia* de Mannheim (BARRIEL, 2004, p. 33). Este a descreve como grupos sociais “whose special task it is to provide an interpretation of the world for that society”. A problemática surge quanto mais estática for uma dada sociedade, pois há o perigo dessa *intelligentsia* assumir o papel de casta (MANNHEIM, 1954, p. 10). Para que não haja este distanciamento, a burocracia estatal pode contribuir como ponte entre os anseios populares e as direções do Estado se for pensada em termos democráticos:

(...) o processo de burocratização não significa apenas o crescimento do aparelho estatal, significa também importantes mudanças nos processos

⁸ “Celso Furtado parte da premissa de que há uma necessidade de autonomia do intelectual diante das organizações e das associações políticas. Assim o homem de ciência que se submete aos ditames de um partido (seja ele de direita, de centro ou de esquerda) perde sua autonomia reflexiva, já que necessita responder aos comandos políticos externos, exteriores a sua atividade de reflexão e análise” (REZENDE, 2004, p. 247).

⁹ Palestra realizada por Rosa Freire D’Aguiar durante o curso *Celso Furtado Intérprete do Brasil: Trajetória, Método e Obra* (IEB - USP), em setembro de 2020.

políticos. Aumentando a eficácia do poder, a burocratização o consolida em níveis mais baixos de legitimidade. Em síntese: o regime democrático é aquele que permite o pleno desenvolvimento das tendências divergentes próprias das sociedades de classes surgidas do capitalismo industrial, e que permite encontrar solução construtiva para conflitos engendrados por essas divergências (FURTADO, 2014a, p. 377).

Bresser-Pereira (2001, p. 23) ressalta o papel de CF como “burocrata na melhor acepção do termo, um homem de Estado, um formulador de políticas públicas que só deixou de estar inserido no aparelho do Estado quando a ditadura militar cassou seus direitos políticos”. Desde a sua entrada no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) - ainda no terceiro ano da faculdade de direito, concursado como assistente de organização e no ano seguinte como técnico de organização (FURTADO, 2019, p. 55); CF busca interagir na burocracia estatal no seu melhor sentido para a mudança social.

Um jovem de 23 anos pondera certa frustração no ano em que se forma Bacharel em direito, em 1944. “O meu curso de direito que este ano concluo vale tanto para mim como um pensamento fortuito. A ideia de vir a ser um homem de vasta erudição livresca fanou-se. A ilusão que tinha um *papel* a desempenhar sob o sol fundiu-se em nada”. Pouco mais de duas semanas depois vem uma resolução: reprogramar sua alegada “indisciplina mental” por meio do escrever:

Comprei este caderno para tentar pensar sistematicamente – isto é, escrever. É inútil ou gratuito? O meu pensamento desordenado pesa-me. Eu nunca estou sozinho quando escrevo. A pena é um verdadeiro alter ego para mim. Impossível ser um escritor dessa forma (FURTADO, 2019, p. 62).

No dia 18/02/1945, a bordo do *General Meigs*, na Guerra, aproxima-se da costa da África e a escrita o conduz a um dilema existencial machadiano. Parece querer “atar as duas pontas” de sua curta vida. Com essa tenra idade, demonstra extrema fibra moral. Ao final do relato, chega a uma definição que talvez fosse chave para sua vida:

Sistematizei uma série de hábitos, submeti-me a um programa de estudo (verdadeiro narcótico para o espírito) e arquitetei um futuro. A rigidez e amplitude desse programa de vida levar-me-ia a um permanente esforço de extroversão e disciplina. Nele estavam previstas grandes viagens de estudos ao estrangeiro e vastos trabalhos de pesquisa intelectual. Nenhuma força emotiva havia por trás de tudo isso: não conseguira erguer um novo símbolo. Tratava-se de uma realização a ser efetuada às expensas de energias intelectuais – um estado de fuga maior ou menor organizado (FURTADO, 2019, p. 79).

Furtado pode ser pensado numa categoria criada por Barbosa e Koury (2012, p.1084-5), a de “intelectuais orgânicos do Estado”:

Os técnicos desenvolvimentistas do setor público nacionalista possuíam um traço singular, pouco enfatizado pela literatura. Eram, antes de tudo, “intelectuais orgânicos do Estado” promotores do desenvolvimento. Isso não significa que vissem o Estado como a tábua de superação do atraso ou que subestimassem os conflitos de classe nele condensados. Ao contrário, eles os presenciavam de camarote. Viam-se, entretanto, como organizadores dos interesses sociais conducentes ao desenvolvimento nacional, assumindo-se como servidores da nação porque lograram assumir posições privilegiadas na máquina burocrática e uma direção política unificadora para a sua administração.

Em entrevista concedida a Lourdes Sola, Furtado comenta que no governo de Getúlio Vargas dos anos 50 se formam “técnicos em fim”. Essa significação é emprestada de Max Weber ao pensar na racionalidade dos fins e dos meios (SOLA, 1998, p.152). De acordo com Mora (2001, p. 2440), a diferenciação entre “racionalidade dos fins e racionalidade dos meios tem seus paralelos em outras distinções, tais como a estabelecida por Karl Mannheim entre racionalidade substancial e racionalidade funcional ou (...) entre razão e ‘mera’ razão instrumental”, este último par proposto por “Horkheimer e outros membros da Escola de Frankfurt”.

Vê-se, assim, como o viés não-maniqueísta desses intelectuais permitia uma profundidade para pensar o planejamento e o Estado. Furtado não retirava o elefante da sala; parecia ver a dificuldade como parte inerente à solução. Era um intelectual de ação que constantemente parecia fazer uma autocrítica sobre suas próprias convicções. Em uma parte de sua obra autobiográfica, relata o incômodo ao presenciar o então Presidente Juscelino Kubitschek, em Natal, ao dizer ao povo que levaria a energia de Paulo Afonso à capital ainda em seu Governo. CF lhe havia dito que não seria possível concluir a obra antes de 1962. Ao ouvir a declaração de JK, Furtado, silenciosamente, o recrimina por aquela demagogia; no entanto, pondera:

(...) se o uso extremado de argumentos racionais que eu fazia também não era uma forma de demagogia. Eu insistia em que o povo estava cansado de ouvir mentiras, promessas falaciosas. Com certa arrogância, indagava: ‘Querem ouvir uma resposta verdadeira ou preferem uma meia verdade?’ (...) A população nordestina havia atingido um tal ponto de desencanto e desânimo que administrar-lhe uma dose de ópio demagógico talvez não fosse a impostura que então me parecia. As linhas de Paulo Afonso, na

realidade, só chegaram a Natal em 1963. Mas por que privar-se de um momento de ilusão? (FURTADO, 2014, p. 254)¹⁰

Por fim, a ideia de consumo conspícuo, presente inicialmente em Veblen, visita-nos ao final do relato. No planejamento da décima cena, dá-se a volta da família a Recife. “O pai dá entrevista aos jornais, se reintegra em sua dignidade”. CF faz um contraste entre o mundo urbano e aquele que houvera sido mostrado: o rural, a fazenda. “Os carros de luxo, os grandes salões, os espelhos franceses. E as conversas ‘cultas’, o amor pelas palavras. O pai sente que se reintegrou em seu mundo”. Um mundo de consumo, de consumo supérfluo (FURTADO, 2019, p. 134). Veblen define consumo conspícuo como:

Conspicuous consumption of valuable goods is a means of reputability to the gentleman of leisure. As wealth accumulates on his hands, his own unaided effort will not avail to sufficiently put his opulence in evidence by this method. The aid of friends and competitors is therefore brought in by resorting to the giving of valuable presents and expensive feasts and entertainment. Presents and feasts had probably another origin than that of naive ostentation, but they acquired their utility for this purpose very early, and they have retained that character to the present; so that their utility in this respect has now long been the substantial ground on which these usages rest. Costly entertainments, such as the potlatch or the ball, are peculiarly adapted to serve this end (VEBLEN, 1899, p. 75).

Por fim, acrescenta, na segunda parte, um personagem que “desempenharia o papel de mestre de A”, na vida adulta. Traumas de infância lhe asseveram a personalidade. A dureza e a hipocrisia afloram em seu comportamento. Impõe convicção em seu discurso: “as outras pessoas confiam nele, mais ainda (...) sentem a necessidade de entregar-se a ele”. Não inspira sentimentos intermediários nas pessoas, pois aquelas que não mais o amam, o odeiam. Parece desenhar um potencial líder totalitário.

O terceiro romance tem sua estrutura montada entre outubro e novembro de 1975. Com 55 anos, já maduro, e logo após escrever *O mito do desenvolvimento econômico*, pensa um texto literário que teria como pano de fundo

(...) o ‘fracasso’ [geracional] (...) ocorrido no Brasil no último quarto de século (...) O livro também pretende ser uma nova edição do Quixote (...) [que] é o pacto com a loucura. Esse pacto permite adaptar-se,

¹⁰ Escrevendo posteriormente, Furtado modula o que pensara solitariamente em 24/05/1959: “A sinceridade também é uma forma de demagogia. Se bem utilizada. Afirmo categoricamente que não faço promessas. Não alimento ilusões. Trato de fazer com que todos entendam meu ponto de vista. Isso de que os homens querem ser enganados é apenas uma meia verdade. Cada vez mais me convenço de que a razão é um poderoso instrumento de dominação, mesmo de multidões. O evangelista da razão...” (FURTADO, 2019, 144-5).

sobreviver, sem integrar-se, sem renunciar a crer no impossível. O mundo do Quixote é o mundo da lógica do impossível (FURTADO, 2019, p.244-6).¹¹

A trama gira em torno de uma jovem e seu orientador; este sendo parcialmente o objeto de estudo daquela. CF planeja três níveis para a análise: o diário do orientador, a troca de correspondências entre discente e professor e os próprios diálogos nas entrevistas para a tese. O mais interessante deste planejamento, no entanto, é a contribuição que este esboço de romance traz ao nosso objeto de estudo: um dos pontos do romance seria levantar “a questão das ciências sociais como mensagem ideológica acima de tudo”. Furtado pensou em fundir dois exitosos esforços de entender a sociedade burguesa: *A comédia humana* (1837-1843) e *O capital* (1867). Para Furtado, essas obras de Honoré de Balzac (1799-1850) e Karl Marx (1818-1883) possuem mais semelhanças que duas teses de doutorado acerca do mesmo tema (FURTADO, 2019, p. 245-6).

Segundo artigo da Folha de S. Paulo (1999), Balzac fora o escritor favorito de Marx. Segundo o próprio pensador alemão, compartilhando a opinião de Friedrich Engels (1820-1895), foi com a obra de Balzac que compreendeu a sociedade francesa.

Marx foi talvez o primeiro a perceber que a literatura, embora não se situasse no plano do factual nem estivesse compromissada com ele, poderia revelar com mais acuidade os movimentos que regem as relações humanas do que os muitos tratados de ciências sociais e afins. Balzac, autor predileto de Marx, tornou-se então uma referência central em sua obra. Uma das noções de Marx que se tornaram quase um lugar-comum é a idéia de que o indivíduo Balzac, embora fosse um conservador que admirava a aristocracia e olhava com temor a ascensão das massas, acabou criando uma obra progressista, que expunha com a força da evidência os instrumentos de dominação de uma classe sobre as outras. Essa irrupção da realidade, que se impunha quase que por si mesma, é o que Engels chamou de "o triunfo do realismo".

Ao fim do romance, o professor se despediria. “*Monsieur le professeur est parti en mission. Retour imprévisible*”. Propomos a possibilidade do professor ser um *tipo ideal* do desenvolvimento que tem seu retorno imprevisível. Um encontro entre a aluna (que também pode ser pensada como um *tipo ideal* de um País que persegue um desenvolvimento quixotiano) (FURTADO, 2019, p. 247). No campo da estrutura também há uma *mimese* da obra de Cervantes: da mesma maneira em que existe em Quixote a superposição de planos,

¹¹ Atrevemo-nos a dizer que esse impossível é a concretização literária da confecção do mito do desenvolvimento.

na potencial obra de CF, o leitor tomaria contato com vieses desses tipos ideais por meio dos diálogos, das cartas e do diário do professor. É a construção mais audaciosa das três.

Furtado coloca, ainda, nesta planificação a última pedra angular daquilo que perseguimos como um possível romance furtadiano: as “ (...) ciências sociais são em grande parte obras de ficção escritas de forma codificada por conveniência dos que a praticam. As proposições que elas formulam dificilmente são verificáveis”. Propõe que teorias diversas como as proposições monetaristas de Milton Friedman (1919-2006) e o motor da História de Marx teriam um ponto em comum: a impossibilidade de falseabilidade e, portanto, sem significação científica (FURTADO, 2019, p. 246). Desse modo, as explicações poderiam fazer sentido ou trazer sentido(s), como um bom romance faz.

CF não está sozinho nessa definição. Em 1973, Hayden White publicou *Metahistory: The Historical Imagination in the Nineteenth-Century Europe*. White (1992, p. 12-3) faz uma análise de textos históricos do XIX e defende a construção do enredo textual de parte de sua obra como romance; a Leopold Von Ranke atribui a comédia; a Alex de Tocqueville, a tragédia e a James Burckhardt, a sátira. Finalmente, busca demonstrar não ser “acidente o fato de que os principais filósofos da história também (ou posteriormente se descobriu que foram) quintessencialmente filósofos da linguagem”.

Algumas conclusões criativas a que chega White são estimulantes para nosso estudo: a “história propriamente dita” é também “filosofia da história” e a especulação dos modos possíveis desta interferem naquela; ademais, “esses modos, por sua vez são na realidade *formalizações* de intuições poéticas que analiticamente os precedem e que sancionam as teorias particulares usadas para dar aos relatos históricos a aparência de uma ‘explicação’ (...)” (WHITE, 1992, p. 14). Obviamente que aqui não estamos abraçando integralmente muitas das peremptórias afirmações de White, especialmente no debate a respeito da cientificidade; no entanto, abrem-se caminhos não convencionais para pensarmos nos efeitos criadores que a linguagem pode ter na busca de sentido, intersecção conceitual da linguagem e da História.

Da definição de Furtado e das ideias de White, poderíamos cair em um problema de regressão infinita. Se praticamente todas obras consistentes históricas e sociais não são falsificáveis¹², seriam então obras literárias? Sim! Não seriam, no entanto, romances necessariamente; nem tampouco romances furtadianos.

¹² Do ponto de vista de Thomas Kuhn (1922-1996).

Procuramos construir um argumento de que um romance furtadiano conteria personagens que mesclassem *tipos ideais* com preocupações democráticas e sempre vinculadas ao desenvolvimento, seja positivamente, nos dois primeiros romances, seja, negativamente, como no terceiro.

Como diria Walter Benjamin e Adorno há nesses esboços razoável divisão entre narração e explicação, deixando ao leitor parte fundamental da formação de sentido do recorte de mundo iniciado pelo autor.

Os três romances buscam compreender, em grande medida, a classe burguesa em cada sociedade: em um dado Rio de Janeiro, em uma possível, Paraíba e em uma provável Paris. Ademais, temos que considerar o histórico de vida de Furtado e suas memórias mais recônditas, que só vieram à luz pela generosidade de sua companheira: Rosa Freire d'Aguiar. Essas vertentes, que consideramos integrantes do romance furtadiano, no entanto, manifestam-se nas três planificações apenas de forma latente, pois nunca se transformaram em reais romances.

Conclusão

Buscamos ao longo deste artigo trazer alguns recortes do que entendemos por romance para assim tentarmos delimitar a possibilidade de um conceito de romance furtadiano, que além de características formais românticas abarca influências pessoais e de trajetória de vida de Furtado. Os três projetos de romance aderem à forma, faltam-lhes, no entanto, a completude. Desse diálogo, aventamos a possibilidade desse novo gênero: o romance furtadiano, no qual as personagens se identificam com tipos ideais weberianos perpassados por enredos sociais baseados nas ideias de Mannheim e Veblen e com estéticas miméticas de Cervantes e Balzac.

Nunca saberemos a relevância da publicação desses romances caso tivessem sido terminados. Pensamos, no entanto, que o fazer literário é para ele uma possibilidade de se programar e por consequência poder programar o Brasil que desejava. É uma janela, um respiro d'alma, é um *container* ampliado do pensamento. Como Borges diria em *Magias parciais del Quijote*, “Carlyle observou que a história universal é um infinito livro sagrado que todos homens escrevem e leem e tentam entender (...)”; Furtado sempre tentou entender antes

de transformar¹³. Esse processo, com ordem estabelecida, talvez seja uma das genialidades de Furtado, pois muitos entendem o mundo, alguns o transformam, mas poucos dominam ambas as pontas como o velho mestre.

Referências

- AUGUSTO, A. G. Marx e as "robinsonadas" da Economia Política. **Nova Economia**, 26(1), p.301-327, 2016.
- BERRIEL, R. M. V. Entrevista com Celso Furtado. **História Oral** (Rio de Janeiro), São Paulo, v. N° 7, p. 21-40, 2004.
- BIELSCHOWSKY, R. Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 9, 4, 1989.
- BRANDÃO, J. L. Qual romance? (Entre antigos e modernos). **Eutomia** (Recife), v. 12, p. 80-99, 2013.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Método e Paixão em Celso Furtado. In: Bresser-Pereira, Luiz Carlos; Rego, José Marcio. (Org.). **A Grande Esperança em Celso Furtado**. 1ed.São Paulo: Editora 34 Ltda., v. 1, p. 19-43, 2001.
- CANDIDO, A., ROSENFELD, A., PRADO, D. de A., GOMES, P. E. S.. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FERNANDES, N. A. M. O conceito de resistência em Benjamin e Adorno. **Estudos de Sociologia** (São Paulo) , Araraquara/SP, v. 10, p. 169-176, 2001.
- FOLHA DE S. PAULO. O autor favorito de Marx. **Folha de S. Paulo (Caderno +mais!)**, 16 de maio de 1999.
- FURTADO, C. Características Gerais da Economia Brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 7-38 , dez. 1950..
- _____. (1964) **Dialética do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- _____. (2007). **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2012). **Ensaios sobre cultura e o Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- _____. (2014a). **Anos de formação: 1938-1948: o jornalismo, o serviço público, a guerra, o doutorado**. Introdução, seleção e organização Rosa Freire d’Aguíar. RJ, Contraponto/Centro Celso Furtado.

¹³ “Não é de surpreender que uma sociedade voltada para a acumulação preocupe-se mais em transformar o mundo do que em compreendê-lo. Daí que os meios passem a assumir o papel de fins; o que antes eram fins pode vir a ser instrumentalizado em meios” (FURTADO, 2014b, p.578).

- _____. (2014b). **Obra autobiográfica**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2019). **Diários intermitentes**. Introdução, seleção e organização Rosa Freire d'Aguiar. SP, Companhia das Letras.
- GORI, P.; STELLINO, P. O perspectivismo moral nietzschiano. **Cadernos Nietzsche**, 1(34), 101-129, 2014.
- LUKÁCS, G. O romance como epopeia burguesa. In: Lukács, G. **Arte e sociedade. Escritos Estéticos 1932-1967**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- MANNHEIM, K. **Ideology and Utopia**. London: Routledge & Kegan Paul, 1954.
- MORA, J.F. **Dicionário de Filosofia, tomo IV (Q-Z)**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- REZENDE, M. J. Celso Furtado e Karl Mannheim: uma discussão acerca do papel dos intelectuais nos processos de mudança social. **Acta Scientiarum (UEM)**, EUM/Maringá, v. 26, n.1, p. 239-250, 2004. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/1384/904/>.
- SCHÜTZ, J. A.; SILVA JUNIOR, E. E. O tipo ideal weberiano: presença e representação em obras de Zygmunt Bauman. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, v. 18, p. 140-150, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43965/751375138585>.
- SOLA, L. **Idéias econômicas, decisões políticas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- VEBLEN, T. (1899/1922). **The Theory of the Leisure Class. An Economic Study of Institutions**. New York: Huebsch.
- WEBER, M. (1944). **Economía y sociedad**. Trad. de José Medina Echavarría. México, Fondo de Cultura Económica. v. 1.
- WHITE, H. (1992). **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.